

# A CONSTRUÇÃO DE VALORES E LIBERDADE: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE REFLEXÃO MORAL E EXISTENCIAL SEGUNDO SARTRE

CONSTRUCTION OF VALUES AND FREEDOM: EDUCATION AS PROCESS OF MORAL AND EXISTENTIAL REFLECTION ACCORDING TO SARTRE

Guilherme Henrique Frassan<sup>1</sup>

Rafael Oliviera Prina<sup>2</sup>

Jorge Antonio Vieira<sup>3</sup>

FRASSAN, G. H.; PRINA, R. O.; VIEIRA, J. A. A construção de valores e liberdade: a educação como processo de reflexão moral e existencial segundo Sartre. *Akrópolis*, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 2014.

**RESUMO:** O presente trabalho investiga a dimensão ética da existência humana e a constituição de valores de acordo com a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. A realidade humana, nessa perspectiva filosófica, não se descreve como sendo uma natureza transcendente ou biológica, mas uma condição de liberdade que consequentemente conduz às ideias de escolha e responsabilidade pelas ações humanas e suas consequências. Essa liberdade existencial se manifesta também no aspecto ético da existência humana, no sentido de que não há uma moral fundamental e transcendente que oriente a conduta humana, mas que o homem pode construir seus próprios valores. O ser humano, no que diz respeito à sua existência no cotidiano, comumente não possui uma consciência reflexiva acerca de sua liberdade existencial e ética, e nesse sentido desenvolvemos a ideia que a educação seria uma maneira de contribuir para essa consciência, em que o professor, inspirado na filosofia e na ética sartreana poderia conduzir seu aluno à uma conversão radical e estimulá-lo a refletir sobre sua existência, sobre as suas escolhas e ações morais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo; Liberdade; Ética; Educação; Valores.

**ABSTRACT:** This paper investigates the ethical dimension of human existence and the constitution of values according to the existentialist philosophy of Jean-Paul Sartre. Human reality, in this philosophical perspective is not described as a transcendent or biological nature, but as a free condition that implies in choice and responsibility on human actions and its consequences. This existential freedom also appears in ethical aspects of human existence for there isn't fundamental and transcendent moral that guides human conduct and thus man can constitute its own values. Human being, according to its ordinary existence, generally does not show reflexive consciousness about existential and ethical freedom, and we developed the idea that education could be a way to contribute to this consciousness, where the professor, inspired by sartrean philosophy and ethics, could guide its students to a radical conversion and stimulate them to reflect on their existence, choices and moral actions.

**KEYWORDS:** Existentialism; Freedom; Ethics; Values; Education.

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. R. Gilio Furlaneto, 143. 87560-000 - Iporã. guilhermehfrassan@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Avenida Vitória Nº 5523, Jardim Verde Vale, Umuarama - PR. 87504-180 rafael\_prina@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutor em filosofia, professor do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Av. Paraná, 5638, Ap. 1102, 87570-000. jvieira@unipar.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca desenvolver uma reflexão sobre o existencialismo de Sartre, em especial no que tange a ética presente na filosofia sartreana, visto que essa preocupação ética esteve presente desde o início na filosofia de Sartre, conforme Silva (2010). E, visa a estabelecer que é possível articular a ética sartreana com a educação. Dessa forma, busca-se compreender os principais pontos da filosofia de Sartre que tem como base a liberdade, as escolhas e a responsabilidade pelo que se escolhe e pelo que o homem faz de si. Porém, esses pontos se estendem à dimensão ética da realidade humana, ou seja, a liberdade, as escolhas e a responsabilidade estão envolvidas com os valores que o homem constrói. Nesse sentido, a pesquisa trabalha com a hipótese de que é possível que o professor que tenha esse conhecimento acerca da filosofia e da ética existencial de Sartre possa conduzir seus alunos a uma postura reflexiva acerca de sua liberdade e sua responsabilidade por se construir e por construir valores mediante da escolha livre.

Os homens, em sua vida cotidiana, não costumam parar para pensar criticamente sobre sua existência e sobre a moral a qual se atém. Os homens, comumente, costumam tomar as regras morais, sejam de natureza religiosa ou de estado, entre outras, como regra fixa, e não refletem sobre a possibilidade de estabelecer livremente seus próprios valores morais. Esses existentes que não possuem essa consciência reflexiva ainda se prendem em determinismos e em desculpas para explicar quem são ou o que se passa com eles. As filosofias da existência do século XX, em geral, buscam demonstrar que não existem determinismos que regem a existência humana ou a forma como o homem deve agir. É nesse sentido que a filosofia sartreana se apresenta, pois ao demonstrar a falta de fundamentos transcendentais e biológicos para a existência e a ação humana, o existencialismo sartreano procura estabelecer que o próprio homem é fundamento de suas ações e de seus valores por meio de sua condição inerente de liberdade. Assim, na filosofia sartreana, a liberdade está articulada à construção de valores morais.

Os homens, quando ligados a uma moral pré-determinada, não possuem autonomia acerca de seus próprios valores por se ater aos valores previamente estabelecidos e tidos como

corretos. Assim, é importante que o homem possa estabelecer uma reflexão sobre valores, princípios morais e os fundamentos morais para desenvolver essa autonomia no âmbito de sua vida moral. Hoje, existe uma grande preocupação em seguir as normas estabelecidas e nenhuma preocupação com os princípios pessoais ligados à ação moral. Os homens, mediante reflexão, precisam ser capazes de se ater mais aos princípios morais do que a regras fixas. Esses existentes nem mesmo param para refletir sobre esses aspectos. A proposta seria levar esses homens a se deparar com a possibilidade de reflexão acerca da liberdade e da moral conforme o pensamento de Sartre. Por meio dessa proposta, busca-se demonstrar que, a partir da educação, é possível conduzir o existente humano à reflexão sobre a sua condição moral e a sua condição de liberdade, tendo como principal agente o professor e a relação estabelecida entre professor e aluno. Nesse campo de falta de consciência reflexiva e a preocupação excessiva com normas e regras de comportamento está justificada a necessidade do professor para conduzir o existente a uma postura de consciência reflexiva.

Quanto à metodologia, esse trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica em artigos e livros, tendo acesso à ideias de diversos autores que tratam do tema proposto, e também à ideias e conceitos presentes na obra de Jean-Paul Sartre.

O objetivo deste trabalho, portanto, é, esclarecer a filosofia existencial de Sartre em seus principais aspectos, buscando demonstrar a ética implícita em sua filosofia, visto que essa dimensão é pouco reconhecida na filosofia sartreana, tendo sido alvo de muitas críticas no século XX, e por vezes, ainda hoje. E, uma vez demonstrado que a ética é muito presente na filosofia de Sartre, objetiva-se fazer uso da mesma juntamente com outros pontos do existencialismo sartreano para promover uma reflexão existencial voltada para a realidade humana em educandos, procurando demonstrar como o professor pode conduzir essa conversão radical desses alunos.

Atualmente, a pesquisa nesse campo, que possui como alguns autores Santana (2011) e Burstow (2000), dentre outros, busca, de forma teórica, articular o proposto na filosofia sartreana com o âmbito educacional. É com base nessa nova abordagem que se pode propor uma

articulação entre ética, filosofia sartreana e relações educacionais conectadas a um *trabalho educacional provocador*, no sentido de levar o próprio aluno a *refletir* sobre sua condição existencial e moral.

Em um primeiro momento deste trabalho, são apresentados alguns pontos relevantes do existencialismo de Sartre, procurando descrever uma realidade humana com base na liberdade. Em um segundo momento, se procura mostrar que não há uma moral transcendente ou derivada da natureza que regeria as decisões humanas, mas que todo valor é livremente construído nas ações humanas do dia-a-dia. Assim, nesse segundo momento, é abordada a ética presente no pensamento de Jean-Paul Sartre. E, por fim, se buscará mostrar que essa ética pode ser aplicada à educação, e que o professor pode buscar estabelecer com seus educandos novas formas de relações educacionais, buscando conduzi-los à compreensão de sua liberdade para escolher o que fazer de si e para construir valores.

### **LIBERDADE E RESPONSABILIDADE: A REALIDADE HUMANA EM UMA PERSPECTIVA EXISTENCIAL SARTREANA**

O filósofo francês Jean-Paul Sartre foi um dos mais importantes pensadores dentro da vertente do existencialismo no século XX. Sua obra, principalmente *O Ser e o Nada*, publicado em 1943, e a conferência *O Existencialismo é um Humanismo*, de 1946, busca compreender a existência humana de uma forma diferente das concepções tradicionais de homem, destacando-se um enaltecimento da liberdade presente em sua obra (SILVA, 2010). A liberdade e a responsabilidade humana são os principais pontos da filosofia sartreana, atravessados pelas escolhas diante dos possíveis e pela transcendência rumo ao projeto existencial do homem.

O primeiro aspecto a ser compreendido no Existencialismo sartreano é a liberdade humana. Para Sartre a existência humana se fundamenta na liberdade. Santana (2011) afirma que o homem não possui uma natureza humana, ou seja, nada no homem o determina, sendo que este não possui uma essência estabelecida de forma anterior a existência. A ideia de natureza humana remete a uma forma de homem que não se constrói ou se faz durante sua existência, mas que é pré-determinado por fatores como a classe social da família em que nasce, a moral

religiosa e até mesmo por condições biológicas, como no caso de quem nasce com um organismo masculino e é tomado como um ser destinado a comportamentos e uma forma de existência baseada na masculinidade. No caso humano, Sartre enfatiza uma condição humana marcada por essa ausência de determinismos na existência humana.

A condição humana se fundamenta na liberdade que o homem possui para construir a sua própria existência mediante as escolhas que faz, sendo que diante das possibilidades que se apresentam, este deve transcender rumo àquelas que julga como adequadas a seu projeto de vida. Assim, o homem vai se construindo por meio das escolhas livres que faz. Por isso, a existência antecede a essência. Sartre (1987) estabelece que o homem nessa condição de busca por uma essência posterior a existência é livre, em outras palavras, o homem é liberdade. Essa é uma condição da qual nenhum ser humano escapa, sendo que não somos livres para deixar de ser livres, pois mesmo que o homem decida abdicar de sua liberdade, está escolhendo não escolher.

Além de estar condenado a essa liberdade, o homem está desamparado, no sentido de que este está só e sem desculpas para realizar suas escolhas, sendo responsável pelas consequências destas. Para Costa (2009), essa solidão do desamparo se refere ao fato de o existente ser o único que realmente pode escolher por si e agir para realizar seus projetos, sendo que nenhum outro ser humano pode escolher e decidir agir por mim, assim, o homem está só diante de ter de escolher e agir. Este existente não possui desculpas para se livrar dessa responsabilidade de escolher e agir para realizar seus projetos. “Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, p. 9, 1987). Retomaremos mais adiante essa questão da responsabilidade.

Esse ser que se constrói é compreendido por Sartre (1997) como um ser Para-Si. O Para-Si é o ser que, por meio de sua liberdade e das possibilidades, tem a capacidade de construir projetos e buscar fazer-se ou construir-se através da ação visando à realização desses projetos. O Para-Si é a realidade humana que

não está pronta ou totalizada, o qual se totalizará apenas ao fim de sua existência, sendo durante toda sua existência uma totalização em curso. Como não possuidor de uma essência, o Para-Si está no mundo para alcançá-la por meio da construção de sua existência, sendo este o único que pode construir essa existência mediante sua liberdade. Assim, o ser humano é fazer-se, pois enquanto existe não é nada e deve buscar sê-lo.

Para Sartre, “o homem é o que não é e não é o que é” (SARTRE, 1997, p.128,) no sentido de não sê-lo ainda, mas buscando sua essência em um constante vir-a-ser que dura por toda a sua existência. Assim, poderíamos dizer, segundo Silva (2010), que o homem é o que não é porque é seus projetos, mas ainda não é seus projetos realizados, é seus projetos no futuro, logo esse homem é o que ainda não é. E, o homem não é o que é porque não é apenas aquilo que é agora, ele é também um conjunto de diversas possibilidades dentre as quais este pode vir a ser, ou seja, não se limita a uma única forma de ser-no-mundo, possuindo diversas possibilidades de vir-a-ser.

Dessa forma, diante dessas diversas possibilidades de vir-a-ser, o homem é o que ele próprio se faz a partir daquilo que ele concebe de si após sua existência. Sartre (1987) diz que o homem primeiro existe, se descobre no mundo, toma consciência de seus possíveis e de um projeto existencial. Assim, o homem é não apenas como se concebe, mas também como ele quer que seja, como se deseja após sua existência. O homem é como ele próprio se faz.

O homem não é nada além daquilo que projeta para si e de sua liberdade para transcender rumo à realização desses projetos. O homem consciente de seu projeto existencial, que assume sua liberdade, sua responsabilidade e não se deixa cair na má-fé possui uma existência autêntica. Sartre (1987) relata que o homem é seus projetos, porque existe antes de tudo, portanto, só pode ser no futuro, e neste futuro estão todas as possibilidades que se convertem no projeto existencial do homem, por isso o homem é seu projeto de ser, e é a liberdade na busca da realização desses projetos. “Nada existe anteriormente a esse projeto; nada há no céu inteligível, e o homem será antes de mais o que tiver projetado ser” (SARTRE, p. 9, 1987).

Para Schneider (2011), não há sujeito sem projeto. Existem homens sem consciência

reflexiva de seu projeto fundamental, porém não sem projeto. O homem está sempre se lançando em direção ao futuro, buscando a completude de seu ser. Cada escolha concreta que o homem realiza, ou seja, cada possibilidade futura que o homem escolhe está relacionada a uma escolha fundamental que embasa o projeto existencial. “Assim, o que define o ser de cada um são as escolhas cotidianas, que lançam o sujeito na ação, nas atitudes, nas afetações e concretizam sua escolha fundamental de ser” (SCHNEIDER, p. 128, 2011).

Sendo o homem responsável por fazer-se, este se difere do Em-Si, que Sartre (1997) define como pertencente ao mundo das coisas, ou seja, como tudo aquilo que já possui uma essência pré-determinada e não possui a liberdade e a responsabilidade por fazer-se. Diferentemente do Para-Si, o Em-Si não possui uma essência posterior à existência. O Em-Si é o que é sem poder deixar de sê-lo, ou seja, o Em-Si já possui uma identidade fixa, determinada e que não pode mudar por suas escolhas e ações. No caso humano, poderia-se dizer que seu passado é Em-Si, uma vez que não pode ser mudado.

O homem, apesar de possuir esse passado que não pode mudar e para o qual só lhe resta atribuir sentido, possui um futuro a ser inventado e que se resume em possibilidades diversas. Sartre (1997) diz que o Para-Si constrói seu projeto existencial, visando à realização desses projetos por meio da ação, sendo que este está situado no futuro. No futuro estão todas as possibilidades de vir-a-ser do homem. O homem é seus projetos, sem sê-los ainda, e se lança em direção ao futuro para suprir a falta de ser o que é enquanto projetos, ou seja, o homem se lança em direção ao futuro visando a realização de seus projetos e suas possibilidades.

Para Sartre (1997), a transcendência é o processo a partir do qual o homem, por meio da ação, busca a totalização de seus projetos, isto é, busca realizar seu projeto existencial. Nesse processo, o homem deve atravessar todas as determinações, obstáculos e facticidades, sem deixar-se usar estes como desculpas para não atingir a totalização desses projetos. Apesar de determinadas circunstâncias, é possível transcendê-las e realizar seu projeto existencial.

Silva (2010) afirma que existem facticidades, que são todos os fatores que constituem o ser humano, mas que este não pode mudar por sua livre escolha. Dentre essas facticidades

estão, por exemplo, o lugar em que o homem vem ao mundo, a família, dentre outras determinações naturais e históricas. Mesmo sem, às vezes, poder mudar esses fatores, o homem se encontra livre diante desses, pois sua liberdade está no sentido que este pode atribuir a todos esses fatores que o constituem, em outras palavras, o homem é o que faz com aquilo que é feito dele (SARTRE, 1997).

A liberdade em Sartre é colocada como uma liberdade em situação. Perdigão (1995) coloca que somos livres somente porque estamos situados em um mundo resistente à liberdade. Quando o homem exerce a sua liberdade mediante suas escolhas, está escolhendo e agindo dentro de uma realidade na qual está situado. Ao se fazer presente no mundo, o homem está cercado por diversos obstáculos e resistências que não podem evitar, sendo estes as facticidades. O homem realiza suas escolhas e ações considerando essa realidade resistente que o cerca e visando a transcender essas situações. Dentre os principais aspectos que colocam a liberdade do homem em situação estão o lugar que o homem ocupa no mundo, o corpo que possui, o passado que ele não pode mudar, a existência dos outros com os quais deve conviver e a própria morte, uma vez que esta põe fim à liberdade de continuar a construir sua existência, totalizando o homem em algo imutável. Sem esse mundo objetivo e esses aspectos de resistência, a liberdade não existiria, pois ela só existe porque existe uma realidade na qual ela é possível. O homem pode, por meio de seu projeto livre, superar a facticidade e se fazer a partir daquilo que essas facticidades fizeram dele.

Assim, podemos dizer que as facticidades surgem para o existente a partir de seus projetos. Uma montanha, por exemplo, só é um obstáculo se meu projeto envolve escalá-la ou atravessá-la para chegar ao outro lado. Em nenhuma hipótese, podemos dizer que a montanha será um obstáculo para um existente que não tem como projeto transcendê-la. Dessa forma, não há um obstáculo em comum para todos os homens, mas cada homem encontra obstáculos conforme o projeto existencial que coloca para si. “Não há obstáculo absoluto, mas o obstáculo revela seu coeficiente de adversidade por meio das técnicas livremente inventadas, livremente adquiridas” (SARTRE, 601, 1997).

Uma das principais relações que o existente possui com a facticidade é a relação com

o mundo material no qual estabelece seus projetos e constrói sua existência. Schneider (2011) assevera que todos nascemos inseridos em algum momento histórico, alguma sociedade e em uma determinada realidade objetiva que nos cerca. Nenhum existente escolhe essas condições, estando aí seu caráter de facticidade. Todo existente, porém, se apropria dessa objetividade de maneira subjetiva ou singular, conforme seus projetos, estabelecendo um sentido a essa objetividade e se construindo a partir das escolhas que faz nessa situação objetiva. Assim, a existência humana é vista em uma relação dialética entre a objetividade e a materialidade.

Para Sartre, o exercício da liberdade humana se dá por meio das escolhas. Silva (2010) destaca que o ser humano possui diante de si as possibilidades de vir-a-ser. Essas possibilidades, em uma perspectiva temporal, estão todas situadas no futuro. Ao escolher qualquer dessas possibilidades, o homem transcende rumo à realização dessas possibilidades. Nenhuma possibilidade está determinada a se realizar, pois as possibilidades se tornam reais na medida em que as escolhas e ações humanas puderem torná-las reais. É no futuro que o homem descobre se essas possibilidades podem se realizar ou se frustrar.

Costa (2009) destaca que essas escolhas diante dos possíveis estão unicamente no domínio de quem as realiza, ou seja, o homem está desamparado para escolher, pois ninguém pode decidir por ele mesmo. Essa solidão diante da escolha gera no homem a angústia, pois diante da escolha o homem tem a responsabilidade pelas consequências, sem saber quais serão. Essa angústia se deve à incerteza das consequências da escolha, à responsabilidade por essas consequências, e ao desamparo diante da escolha sem poder se eximir dessa liberdade. “Sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades; fazer-me passivo no mundo, recusar a agir sobre as coisas e sobre os outros, é também escolher-me” (SARTRE, p. 680, 1997).

Qualquer tentativa de se abster dessa responsabilidade é descrita por Sartre (1997) como má-fé. A má-fé é uma forma de mentir a si mesmo e refugiar-se em determinismos e em desculpas para não assumir a responsabilidade diante de suas escolhas. “A má-fé nada mais é que a redução da liberdade, da escolha e do compromisso a um conjunto de ações pré-

-determinadas” (COSTA, p. 75, 2009). Diz-se que o homem que joga a responsabilidade pela consequência de seus atos para fora de si ou a deposita em outros fatores que usa como desculpa está agindo de má-fé.

Quando Sartre coloca que o homem é liberdade, pode-se dizer que está colocando também que o homem é o seu projeto existencial. Segundo Costa (2009), o projeto existencial é a ação humana de se lançar rumo às possibilidades do futuro. Essa ação se executa por meio da liberdade de escolha dos possíveis que o sujeito considera importantes na busca de quem este quer ser, ou do que quer fazer de si.

Diante de toda essa concepção da existência humana, cabe destacar que para Sartre (1997, p. 20-28) essa existência é permeada pela consciência, que se apresenta de dois modos: a consciência irreflexiva e a consciência reflexiva. Perdigão (1995, p. 55) traz que a consciência irreflexiva é a consciência de mundo que todo ser humano possui, isto é, a consciência das coisas, sejam elas reais ou imaginárias. O ser humano faz uso de forma permanente da consciência irreflexiva, visto que como ser-no-mundo, o existente é sempre consciência de mundo, sempre consciência de algo. Uma das dimensões da consciência é a intencionalidade, ou seja, a consciência é sempre consciência de algo, o que nos permite a todo momento estar fazendo uso da consciência irreflexiva. A consciência que possuímos de um objeto qualquer ou de uma situação qualquer no mundo onde estamos sem nenhuma reflexão profunda acerca desses objetos e situações é a consciência irreflexiva.

Perdigão (1995), ainda, que a consciência reflexiva, por sua vez, é aquela que aparece quando o existente reflete sobre sua situação existencial, isto é, não se limita à simples consciência dos objetos e das circunstâncias do mundo, mas busca refletir sobre a sua posição no mundo diante desses objetos e circunstâncias. Assim, na filosofia de Sartre, a consciência reflexiva está diretamente ligada ao projeto existencial, uma vez que nela não só existe uma consciência de mundo, mas também uma consciência de que é nesse mundo que estão todas as possibilidades futuras que compõem a busca pela realização do projeto existencial. E, a consciência reflexiva permite uma reflexão aprofundada sobre toda a realidade objetiva, as facticidades, a situação e como o homem pode

se construir a partir dessa realidade, não sendo apenas uma consciência irrefletida dessa realidade.

### **A MORAL NA FILOSOFIA DE SARTRE: A LIBERDADE ÉTICA IMPLICADA NA CONSTRUÇÃO DE VALORES**

As facticidades destacadas anteriormente foram descritas por Sartre como todos os aspectos da realidade humana que não estão no âmbito da escolha humana, mas ainda assim, não eliminam a liberdade humana de se construir a partir dessas facticidades e de atribuir sentido a elas. Dentre as facticidades estão o lugar em que o homem vem ao mundo, a família em que o homem nasce, a própria morte, entre outros aspectos que o homem não escolheu, porém é livre para atribuir sentido à essas facticidades. Silva (2010) explica que essa liberdade também se aplica ao aspecto ético da realidade humana, ou seja, diante da moral existente no mundo, o homem pode fazer uso de sua liberdade para atribuir sentido a essa moral, refletindo sobre ela e construindo seus próprios valores a partir dessa reflexão, se responsabilizando por esses valores construídos.

Quando o homem vem ao mundo, se depara com toda uma moral já construída, isto é, uma moral do estado, uma moral religiosa, uma moral familiar, dentre outras formas morais. Cabe destacar que toda essa moral não é uma determinação para o homem, isto é, diante dela, o homem pode refletir sobre o que ela traz, atribuir sentido a ela e construir seus próprios valores sem ter a moral consoladora como um amparo.

A expressão “moral consoladora” é um termo utilizado por Costa (2009) e diz respeito à existência de toda moral pré-estabelecida na qual o homem se ampara sem nenhuma reflexão. Na moral consoladora, o existente busca amparo para tomar suas decisões, visando a fugir da angústia ocasionada pela liberdade de se atribuir sentido e valores ao mundo. A autora destaca que na realidade, o homem está desamparado, estando sem determinações morais.

Porém, geralmente os homens costumam tomar as regras morais como uma realidade objetiva e impositiva a ser obedecida, não refletindo sobre ela. Costa (2009) destaca a posição de Sartre em buscar romper com a imposição de uma moral consoladora. Esta posição

elimina a imposição de teorias que postulam determinadas referências morais fixas; e busca estabelecer ao homem a consciência da liberdade de poder refletir sobre a moral e construir seus próprios valores. “Sartre pretende despir-se de toda espécie de moralidade ‘consoladora’, o que resulta na conseqüente responsabilidade e posicionamento ético que o homem deve assumir” (COSTA, 2009, p. 67).

Sartre (1987) utiliza como exemplo um de seus alunos para ilustrar dois tipos de moral. Quando trabalhava como professor universitário, o filósofo foi procurado por um jovem aluno que se encontrava diante de uma situação de angústia, pois precisava tomar uma decisão diante de algumas possibilidades que se apresentavam em sua vida. Este jovem convivia com sua mãe doente, cuidando dela após esta ter sido traída por seu pai e perdido outro filho na guerra. Esse aluno deveria escolher entre permanecer com sua mãe, visto que era um dos motivos que a levava a suportar a vida após a traição do marido e a morte do filho na guerra, ou se alistar nas forças armadas francesas para vingar a morte de seu irmão. O primeiro tipo de moral diante da qual esse jovem se encontra é uma moral individual, ou seja, uma moral própria na qual vê a importância de estar ao lado de sua mãe, mas também a importância de estabelecer sua vingança. Do outro lado há uma moral mais ampla, ou seja, uma moral universal que poderia reger suas escolhas. Ninguém pode ajudá-lo a escolher, nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir. Embora existam fundamentos pré-estabelecidos, a decisão do que fazer cabe unicamente a ele.

Podemos dizer que essa moral ampla que rege a escolha certa a ser tomada, por um lado se constitui nas leis militares de seu próprio país, uma vez que essas leis dizem que o jovem é obrigado a servir seu país na guerra em caso de convocação, além de ser considerado de boa índole moral aquele que serve em prol do seu país. Por outro lado dessa moral ampla, há a moral religiosa, que diz que o jovem deve cuidar de seus progenitores e honrá-los, como manda um dos mandamentos do decágono cristão. A decisão, porém, cabe unicamente ao jovem, e é a moral individual, ou seja, os próprios valores julgados adequados a seu projeto existencial que devem basear a decisão a ser tomada. Essa decisão, portanto, é tomada sozinho e no desamparo que foge as regras pré-estabelecidas,

seja pelas leis do estado ou pela moral cristã, por exemplo.

Segundo o filósofo, a escolha moral pode, ainda, ser comparada a uma obra de arte. Na pintura, por exemplo, apesar de existirem algumas regras que regem esta arte, o artista não se prende a essas regras, mas escolhe o que faz destas regras, não existindo valores estéticos a priori. O próprio pintor cria sua obra de acordo com seus valores estéticos, não existindo valores estéticos gerais. O mesmo se dá no plano moral, onde o homem inventa seus valores. “O que há em comum entre a arte e a moral é que, nos dois casos, existe criação e invenção. Não podemos decidir a priori o que devemos fazer” (SARTRE, 1987, p. 18). Assim, na arte não existe uma regra que oriente ou fundamente, por exemplo, como deve ser a obra do pintor, como devem ser os traços ou as pinceladas. É o próprio artista que se engaja na construção de seu quadro e decide como este deve ser feito, escolhe os traços, as cores, as proporções de acordo com seus valores estéticos, sendo a arte, portanto uma criação de valores que não existem como regra. No plano moral, o homem possui essa mesma liberdade de criação, pois pela inexistência de fundamentos morais transcendententes, o homem cria e inventa seus valores em suas ações, não existindo valores como regra geral para a sua ação. É nesse sentido que pode-se compreender a autonomia do sujeito no campo ético a partir das conexões entre ética e produção estética.

Seguindo as ideias de Sartre (1987), podemos dizer que os valores morais se constroem na ação, ou seja, surgem quando o homem age de acordo com os valores que julgou como corretos e necessários em dada realidade concreta. Assim, a moral é construída de forma concreta de acordo com as escolhas livres do sujeito. Princípios abstratos demais não conseguem definir a ação (referência à ética kantiana), sendo que o homem pode estabelecer os valores que julga corretos, isto é, na concretização desses valores está a liberdade ética desses sujeitos. O valor se estabelece de fato na ação concreta do indivíduo, pois, o homem estabelece seus valores morais sempre em situação, ou seja, sempre que escolhe um determinado valor, o escolhe devido a uma situação prática na qual se encontra. Assim, o homem pode julgar de forma abstrata o que considera correto ou não, mas seu valor só se estabelece diante da situação onde

ele é construído e aplicado, por isso diz-se que a moral, nesse aspecto, é concreta e não abstrata.

Conforme Oliveira (2010), a moral é construída na própria ação humana. Por não haver nenhuma moral fundamental embasada em alguma divindade ou abstração de alguma ordem, os valores são construídos na própria ação humana. Não há uma natureza humana que determina o que o homem deve fazer diante de uma determinada situação, mas é a própria consciência humana diante dessa situação que deve estabelecer o que deve ser feito, ou seja, estabelecer o valor a ser seguido. Assim, a moral é construída na ação diante de uma situação real. Nossas escolhas morais estão ligadas à exterioridade que nos rodeia, mas não são fundamentadas por ela, mas sim pela nossa própria liberdade diante dela, pois não existe uma moral que seja regra para todas as situações.

Para Sartre (1987), o homem está sem apoio e sem ajuda, condenado a se inventar e inventar seus próprios valores a cada instante, pois não existe um sinal fundamental ao qual o homem pode pedir auxílio para tomar suas decisões, não há valores e orientações inscritos no céu, nem um Deus que possa dizer se a escolha humana está errada ou certa. O homem inventa o homem a cada instante, está desamparado por não ter um conjunto de valores transcendentes que lhe sirvam de desculpa. O homem está desprovido de valores universais, de uma moral geral ou transcendente, e ele mesmo deve estabelecer seus valores, à medida que esses valores não estão fundamentados em um céu inteligível.

Sartre (1987) diz que não existe, por exemplo, um Deus que fundamenta todos os valores a serem seguidos, assim como não existe nenhuma outra espécie de fundamento original para esses valores. Dessa forma, o homem é responsável pelo fundamento de seus próprios valores, uma vez que desamparado, não há quem possa orientar o melhor valor a ser seguido. Esta é uma escolha inerente unicamente ao próprio sujeito, trazendo a ele a angústia por essa decisão tomada em solidão. Cabe destacar que o filósofo não quer eliminar a existência de uma moral cristã, mas quer que diante dessa moral cristã os homens reflitam e construam seus próprios valores. Assim, nenhum valor pré-existente é condenado por Sartre ou tido como impróprio, visto que o homem pode se ater a qualquer valor, sendo imprescindível no entan-

to a reflexão e a clareza acerca do projeto fundamental do homem. Dessa forma, o homem pode escolher se ater a uma moral cristã, caso esses valores sejam condizentes com seu projeto pessoal. Dessa forma, nenhuma moral já existente é eliminada, mas pode ser ela a mais adequada à escolha fundamental do homem. Se o homem, por exemplo, tem como projeto fundamental a militância política, pode escolher os valores de um determinado partido como aqueles que se adequam a seu projeto fundamental de defesa de um grupo ou de uma determinada classe.

O homem, assim como não possui as facticidades como determinismos, mas pode se construir livremente a partir do sentido que atribui a essas facticidades, também não possui valores pré-determinados. Diante de uma moral pré-estabelecida, o homem deve fazer uso de sua consciência reflexiva e através de sua liberdade, atribuir sentido aos valores existentes no mundo, e a partir do sentido atribuído, construir seus próprios valores morais e éticos. Segundo Santana (2011), o homem se angustia por ser fundamento de seus valores, sendo que essa angústia não aparece na moral cotidiana, onde os valores já estão dados e segui-los é o suficiente para ser considerado de boa índole moral. A angústia nesse aspecto aparece devido ao fato de o homem ser desprovido de qualquer moral que o ampare e estar só para estabelecer seus próprios valores. A angústia, portanto, só existe porque existe essa liberdade que traz a responsabilidade pelos valores que se vai construir, e pela possibilidade de a qualquer momento esses valores poderem ser postos em questão ou invertidos, conforme se mude o projeto fundamental de quem o construiu.

O homem não deveria construir qualquer valor de forma irrefletida ou construir valores ao acaso, pois é responsável por suas escolhas, incluindo os valores que constrói. Porém, o existente pode construir esses valores ao acaso ou irrefletidamente, e até mesmo valores que possam ser julgados por outrem como imorais, sendo que ele é responsável por esses valores e pelas consequências desses valores. Ao estabelecer um valor, o homem está presente em uma realidade social e histórica, e ao afirmar seu valor para si, acaba afirmando-o também para toda a humanidade e afetando a essa humanidade, sendo, portanto responsável pelo valor que constrói e pelas consequências dessa construção individualmente e socialmente. Costa (2009)



destaca que toda construção de valores feita de forma refletida é de inteira responsabilidade de quem o faz. O homem não é responsável só por si, pois quando constrói valores, está afirmando o valor construído para toda humanidade, logo o homem é responsável por toda humanidade, pois o valor que constrói se depara com a realidade objetiva onde está toda a humanidade. “Quando o sujeito age e inventa o valor, isto é, cria a norma, é como se ele estivesse prescrevendo, de forma imanente ao ato subjetivo, a norma universal inerente à sua opção, fruto da liberdade originária” (SILVA, 2010, p, 273).

Para Sartre (1987), quando o homem se exime de sua responsabilidade por essa construção de valores, e se ampara na moral consoladora ou visualiza as facticidades como determinismos, este existente cai na má-fé, isto é, ao não assumir sua liberdade e sua responsabilidade pela construção dos próprios valores, se prendendo a valores pré-determinados, o homem age de má-fé. A má-fé, nesse caso, está estritamente ligada às ideias de inautenticidade e autenticidade.

Burstow (2000) define a autenticidade como a forma de existir em que o homem possui total consciência de sua liberdade existencial e de sua responsabilidade. Assim, o existente autêntico é aquele que possui clareza de seus projetos e se engaja em suas ações para realizar esses projetos. Além disso, o existente autêntico não se atém à moral consoladora e não enxerga as facticidades como determinismos. O existente autêntico assume sua liberdade de construir valores e sua responsabilidade pelos valores construídos, se responsabilizando, inclusive, pelas consequências que o valor construído terá para a humanidade. Este existente não cai na má-fé. Assim, podemos dizer que o homem constrói valores conforme seus projetos existenciais, isto é, o homem ao construir um valor, só o faz porque por trás desse valor existe um sentido, ou seja, esse valor tem um sentido que se liga ao seu projeto existencial. Dessa forma, nenhum valor é construído ao acaso, mas todo valor é fundamentado no projeto existencial de quem o constrói.

Seguindo as ideias de Burstow (2000), o existente inautêntico é o oposto do existente autêntico, ou seja, é o existente que cai na má-fé por se ater a referências morais fixas, isto é, se amparar na moral consoladora. Além disso, o existente inautêntico não possui consciência

de sua liberdade existencial e acaba realizando suas escolhas de forma irrefletida. O existente inautêntico, por exemplo, não vê as facticidades como aspectos a partir do qual pode se construir, mas como determinismos. Este existente não possui consciência de sua liberdade e responsabilidade pela construção de valores e atribuição de sentido ao mundo. Este deveria passar por um processo que Sartre denomina conversão radical.

Sartre (1987) assevera que para o existente engajado, a liberdade não depende do outro, mas é preciso reconhecer simultaneamente a liberdade própria e a liberdade do outro. O existente autêntico, para o filósofo reconhece que o homem é um ser com existência anterior a essência e um ser livre. Aqueles que dissimulam essa liberdade e a responsabilidade a ela implícita com desculpas deterministas, o filósofo descreve como covardes. Porém, apenas em um nível de rigorosa autenticidade se pode julgar alguém como covarde. Este julgado covarde poderia ser descrito como um existente inautêntico.

A conversão radical é definida por Burstow (2000) como um processo por meio do qual o existente é conscientizado de sua liberdade e responsabilidade existencial. Este é um processo longo e complexo, por meio do qual o sujeito passa da inautenticidade à autenticidade. O existente, através desse processo, é levado a fazer uso de sua consciência reflexiva. “A conversão radical, em si, é uma conversão para fora desse estado. Para alcançá-la, a pessoa deve desenterrar a escolha fundamental que subjaz a todas as demais escolhas, ver sua inautenticidade, rejeitá-la e aceitar-se a si tal como é” (BURSTOW, 2000, p. 116).

A educação na perspectiva ética sartreana: o professor como meio de condução à reflexão moral.

Diante das discussões éticas existentes dentro do pensamento de Sartre, é possível pensar em uma forma de educação, mais especificamente uma forma de relação entre professor e aluno que possui como base a ética sartreana. Novas configurações dessa relação podem ser estabelecidas colocando-se em prática o proposto por essas discussões. É possível também, no campo educacional, considerar a formação ética do aluno, levando em conta a reflexão sobre a liberdade ética desses alunos que pode ser conduzida pelo professor que orientaria sua

prática pelas indicações da ética sartreana.

Segundo Burstow (2000), o educador, tendo como base a ética sartreana, deveria conduzir o aluno à conversão radical, ou seja, diante de um educando que não possui consciência reflexiva acerca de sua existência e de sua condição de liberdade, o educador deveria se aproximar deste educando e trabalhar com ele essa conscientização da liberdade existencial. O professor auxilia o aluno a encontrar o seu projeto fundamental e a enxergar que ele é o único responsável por transcender rumo à realização desses projetos, isto é, o professor leva o aluno a uma consciência reflexiva acerca de seu projeto e de seus possíveis, mas não se limita a isso, levando o educando a reconhecer a necessidade da ação para realizar esse projeto e a reconhecer que existem facticidades no caminho para se realizar o projeto proposto. Dessa forma, o educando é levado a agir tendo consciência de que terá obstáculos a transcender. Em suma, o professor sartreano mostraria para o aluno a sua responsabilidade por escolher o que quer fazer de si e agir para fazer-se. Cabe destacar que o professor sartreano não dá liberdade ao sujeito, uma vez que a liberdade já é uma condição inerente a existência desse sujeito, mas faz com que o aluno adquira consciência dessa condição de liberdade e passe à uma existência autêntica que antes não possuía.

Para se estabelecer com o educando uma relação que envolve mostrar-lhe algo tão íntimo, como a própria liberdade existencial, é fundamental a configuração de novas formas de relação entre esse professor e esse aluno. Burstow (2000) coloca que o professor deve estabelecer primeiramente uma aproximação e acolher esse aluno da forma como este se apresenta. O professor deve ter empatia com esse aluno, se colocando em seu lugar à medida que esse aluno possui uma consciência irreflexiva e uma existência inautêntica, sem julgá-lo pela má-fé que este vier, a princípio, apresentar. O professor deve ter compreensão e estabelecer uma relação recíproca com o aluno, sem hierarquia de saber.

Santana (2011) considera que o educador, ao conduzir o aluno à reflexão acerca de sua liberdade existencial, não o conscientiza apenas da liberdade de se construir, de se fazer, mas também da liberdade ética. Em outras palavras, o professor sartreano deve fazer com que o aluno olhe para sua realidade objetiva, especial-

mente as facticidades, e possa enxergar nessas facticidades os pontos a partir dos quais esse aluno possa projetar sua existência e ações, ou seja, pode ajudar o aluno a compreender que as facticidades não são determinismos, mas que o aluno possui a liberdade de escolher o que fazer dessas facticidades e do que elas fizeram dele. Além disso, o aluno é levado a refletir sobre a moral de sua realidade e à compreensão de sua liberdade de atribuir sentido aos valores pré-estabelecidos.

O sentido da formação moral seria discutir e constituir princípios, muito mais do que normas e imposições de comportamentos. Tradicionalmente a formação moral nas escolas é entendida como a assimilação pelos sujeitos das regras de postura e comportamento, e focalizada na determinação da obediência à esses códigos. Existe uma preocupação excessiva com observância do que pode e do que não pode ser feito, do correto e do incorreto etc. Contudo, seguindo as indicações da abordagem ética sartreana, essa convicção e práticas educacionais são superficiais e não conduzem à autonomia, sendo limitadas para a formação ética do sujeito. As sugestões pautadas na visão existencial da ética sartreana seguem o caminho oposto à imposição de um código a priori de regras de ação nas situações da vida. Antes da determinação de regras o sujeito precisa de princípios, valores que orientariam suas escolhas e projetos. E nesse sentido, a ética apresenta a discussão e reflexão de princípios e não meramente de catálogos de regras e normas. Assim, a formação ética dos alunos estaria orientada para a reflexão sobre princípios ou valores e abriria novas dimensões para entendemos a educação ética.

Por exemplo, o aluno deveria compreender que pode construir seus próprios valores, enxergando a responsabilidade pelos valores criados. “Esta perspectiva estabelece uma educação que crie processos educacionais possibilitando a busca por educar a si mesmo e educar a todos; um processo educativo libertário. Estas são as características de uma educação na dimensão da liberdade e do engajamento” (SANTANA, 2011, p, 67). O existente engajado é aquele que está compromissado com o seu projeto existencial e age sempre visando à realização desse projeto, se responsabilizando pelas consequências de suas ações. O professor que trabalha visando a tornar seu educando engajado, está levando esse educando a enfrentar

toda a diversidade que sua situação existencial e histórica impõe, ou seja, leva esse educando a se responsabilizar não somente pelos seus atos, mas também pelas consequências desses atos em sua realidade social e histórica. O existente engajado está comprometido tanto com seu próprio projeto quanto com a realidade onde está inserido e desenvolve esse projeto.

No caso da educação infantil, Burstow (2000) coloca que uma boa base na filosofia sartreana possibilitaria ao professor poder contribuir para que a criança possa escolher de forma refletida um projeto fundamental de existência, contribuindo logo cedo para a existência autêntica da criança. O professor, neste caso, levaria seus alunos a uma reflexão sobre o que querem se tornar e, aos poucos, conscientizando-os de que são eles que devem agir para se tornar o que querem fazer de si. O ideal nesta etapa é que a criança consiga ter clareza do projeto existencial que constrói para si.

Burstow (2000) compreende que no caso das crianças mais velhas, que já possuem consciência reflexiva de seu projeto, o professor poderia auxiliá-las a começar o processo de ações que conduzem à transcendência, isto é, o professor incentivaria o aluno a olhar para o futuro, analisar cautelosamente suas possibilidades e escolher dentre aquelas que mais se adequam ao seu projeto existencial e o incentivaria a agir transcendendo rumo a realização desses possíveis e conseqüentemente de seu projeto existencial. Nessa perspectiva, o professor levaria o aluno a olhar para a sua situação, olhar para a realidade em que está inserido e extrair e inventar as possibilidades que se adequam ao seu projeto. A formação ética também implica a reflexão do aluno sobre os diversos obstáculos que deverá ultrapassar para realizar aquilo que se propõe. Assim, o professor acaba por conduzir o aluno a transcendência, ou seja, o professor leva o aluno a compreender que seu projeto existencial é passível de realização devido a sua condição de liberdade, porém este precisa compreender que essa liberdade está diretamente relacionada a ação concreta, precisando o aluno agir para realizar-se.

Santana (2011) assevera que em nenhum momento os aspectos tradicionais da educação são negados nessa proposta que tem como base a ética sartreana. O conhecimento dos livros e das disciplinas, a didática educacional e a boa formação cultural e acadêmica não

são negados, mas a educação é garantida em algo a mais: no comprometimento com a própria situação existencial e histórica, com a singularidade e a coletividade e também com a liberdade de criar sentido e valores e responsabilizar-se por eles. Enfim, ser ético na educação é garantir ao educando sua liberdade de criar seus próprios caminhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as ideias existencialistas apresentadas, pode-se perceber que o pensamento dessa filosofia aplicada em uma perspectiva educacional, visa a orientar o aluno, que em uma relação professor-aluno, ele possa estar desenvolvendo habilidades, utilizando-se do que o professor, embasado no existencialismo de Sartre, lhe apresenta, levando-o a conhecer sua liberdade de pensar e criar seu projeto existencial, estando sempre ciente de sua responsabilidade perante suas escolhas que devem ser feitas de maneira reflexiva.

A escolha feita de maneira reflexiva faz com que o educando tenha consciência do que escolhe para seu projeto existencial, da responsabilidade perante a realidade, das facticidades que existem na transcendência rumo a seu projeto existencial.

O existencialismo sartreano traz possibilidades de uma educação que leve o educador a instruir, por meio da conversão radical, o aluno a se tornar um ser autêntico, ou seja, que tem consciência de sua liberdade existencial seguido da responsabilidade, sem buscar amparo em uma moral determinada, que tire a responsabilidade sobre suas escolhas.

Seguindo o pensamento de Sartre de que o homem é livre para criar seus próprios valores, o educando deve conscientizar-se de que é livre para escolher seus próprios valores, pois é ele o responsável por lhes aderir significado e responsável também por suas consequências. Este processo de escolha causa no homem grande angústia, pois somente ele é quem pode escolher, ele está só e desamparado, sendo o responsável pelas consequências. Isso pode fazer com que o homem busque amparo em algum tipo de moral que o "console", o que o leva a questão da inautenticidade e má-fé.

A ética de Sartre presente na educação vem proporcionar um olhar mais livre. O educador por meio da filosofia sartreana tem condi-

ções de mostrar ao aluno a liberdade da qual o mesmo não procura ter conhecimento, ou nem a imagina ter, fazendo com ele seja capaz de se tornar um ser autêntico e de criar seu próprio projeto existencial, e, acima disso, fazendo com que o educando exerça a ação para que isso aconteça, enxergando que as facticidades e obstáculos não estão determinados e podem ser transcendidos rumo a realização de seus valores e projetos criados.

O educador sartreano tem a possibilidade de tornar seu educando engajado, fazendo com que ele reconheça sua situação existencial, sua realidade, e desenvolva suas potencialidades perante a situação em que se encontra. Nessa situação de engajamento o existente se encontra comprometido, determinado a realização de seu projeto existencial, há uma dedicação maior na ação do mesmo.

Portanto, ao considerar as vertentes do existencialismo de Sartre em contribuição com as relações educacionais, conclui-se que a educação pode ter um processo mais libertário, fazendo com que professor-aluno estabeleçam uma relação de desenvolvimento em prol do crescimento dos mesmos, caminhando para uma educação mais reflexiva e livre. Sempre considerando as condições existentes por parte do aluno, que ao iniciar esse processo de libertação na educação, pode apresentar-se de certa forma aprisionado a questões moralistas de valores já pré-estabelecidos, e o cuidado do educador se faz de grande importância nesse momento, em que se inicia o processo de reflexão do aluno sobre sua liberdade e condição de existência.

Contudo, a educação na atualidade não é tomada desse sentido libertário, uma vez que ela se impõe de uma forma muitas vezes abusiva e arbitrária, cheia de regras e normas a serem seguidas. A implantação de uma educação sartreana, teria como princípio estabelecer a alunos e professores uma relação mais dialética, podendo ser discutidos projetos existenciais, fazendo com que o aluno reflita e aprenda livremente, mostrando sua real capacidade de lidar com facticidades/obstáculos que se apresentam em sua existência. Há muito a ser pensado para quebrar barreiras, e se caminhar rumo a uma educação mais ética e democrática, em que o aluno possa ser educado em um contexto menos denso e moralista, levando-o a consciência de criar seus valores dentro da sociedade, instruído por seu

educador. A implantação da filosofia existencial de Sartre, seria de grande apoio para esse desenvolvimento, visto o que foi apresentado, ela daria outros rumos para a educação, buscando criar cidadãos mais pensantes e críticos.

## REFERÊNCIAS

- BURSTOW, B. A filosofia Sartreana como fundamento da educação. **Revista educação e sociedade**, Campinas: Unicamp, n.70, abr. 2000.
- COSTA, A. S. A questão moral presente no pensamento de Jean-Paul Sartre. **Poros**, Uberlândia, v.1, n. 2, p. 66-77, 2009.
- OLIVEIRA, C. L. **Consciência e moral em Sartre**. 2010. 68f. Universidade Federal da Bahia Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SANTANA, M. R. Esboços de uma ética da educação em Sartre. **Filosofia e Educação – revista digital do Paideia**, v. 3, n.1, abr. 2011.
- SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um humanismo: a imaginação; questão de método**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- SILVA, F. L. Sartre e a ética. **Revista Bioethikos**, São Paulo: Centro Universitário São Camilo, v. 4, n. 3, 2010..
- LA CONSTRUCCIÓN DE VALORES Y LIBERTAD: LA EDUCACIÓN COMO PROCESO DE REFLEXIÓN MORAL Y EXISTENCIAL SEGÚN SARTRE**
- RESUMEN:** Este estudio investiga la dimensión ética de la existencia humana y la constitución de valores de acuerdo con la filosofía existencialista de Jean-Paul Sartre. La realidad humana, en esa perspectiva filosófica, no se describe como siendo una naturaleza transcendente o biológica, sino una condición de

libertad que consecuentemente conduce a las ideas de elección y responsabilidad por las acciones humanas y sus consecuencias. Esa libertad existencial se manifiesta también en el aspecto ético de la existencia humana, en el sentido de que no hay una moral fundamental y trascendente que oriente la conducta humana, pero que el hombre puede construir sus propios valores. El ser humano, en lo que se dice respecto a su existencia en el cotidiano, comúnmente no tiene una conciencia reflexiva acerca de su libertad existencial y ética, en ese sentido desarrollamos la idea de que la educación sería una forma de contribuir para esa conciencia, en que el profesor, inspirado en la filosofía y en la ética sartreana podría conducir su alumno a una conversión radical y estimularlo a reflejar sobre su existencia, sobre sus elecciones y acciones morales.

**PALABRAS CLAVE:** Existencialismo; Libertad; Ética; Educación; Valores.